

Ciência e Tecnologia

Hoje às 09h44 - Atualizada hoje às 13h44

Depressão de difícil tratamento é foco de atenção através de simpósio na ANM

Jornal do Brasil

A Academia Nacional de Medicina (ANM) discutiu o tema “Depressão” na tarde e noite de quinta-feira (29). Pela primeira vez uma Sessão da Academia Nacional de Medicina foi realizada em videoconferência com o INCOR-USP, coordenada em São Paulo pelo Acadêmico Fábio Jatene, e contou com a presença de dez Acadêmicos de São Paulo, que participaram em tempo real das perguntas e discussões, com um sistema de vídeo e som que funcionou perfeitamente.

Mesa Diretora do Simpósio em São Paulo: Prof. Puech Leão e Acadêmicos Silvano Raia, Sérgio Bydlowsky, Marcos Moraes, Fábio Jatene, José Eduardo Souza, Maurício Rocha e Silva, José Medina e Samir Rasslan.

Mesa Diretora do Simpósio no Rio de Janeiro: Acadêmico Cardoso de Castro, Prof. Moreno (USP), Acadêmicos Hoirisch, Costa e Silva, Francisco Sampaio (Presidente ANM). Antonio Nardi e Prof. Appolinário (UFRJ).



Mesa diretora do Rio de Janeiro

Para surpresa de muitos, apenas um terço dos pacientes com depressão tem remissão do quadro - ficam totalmente recuperados - ao tomarem um primeiro antidepressivo. Este número aumenta para aproximadamente 50% quando se utiliza um segundo antidepressivo. Se considerarmos que a depressão é um problema de saúde pública, onde até 25% da população terá um episódio depressivo durante a vida, comprometendo seu

desempenho individual, tanto no trabalho quanto na vida social, estes números são muito preocupantes e trazem um custo muito elevado. Temos ainda que levar em conta que a depressão é uma doença recorrente, isto é, caracteriza-se por episódios que podem se repetir independentemente do nível de estresse psicossocial.

Com base nestes dados, a Academia Nacional de Medicina organizou o Simpósio “Depressão de Difícil Tratamento”. Os Acadêmicos Jorge Alberto Costa e Silva, Adolpho Hoirisch e Antonio Egidio Nardi

coordenaram um debate de ideias, dados de pesquisa e de vasta experiência clínica.



Mesa diretora de São Paulo

Inicialmente, o Acadêmico Antonio Egidio Nardi apresentou breve histórico da evolução do conhecimento sobre depressão e os vários critérios para definir o que é a depressão resistente ao tratamento. Apresentou dados sobre o custo social e individual deste mal sempre presente na clínica de todas as especialidades médicas. Esclareceu a diferença entre remissão (recuperação total) e resposta ao tratamento (melhora, mas persistem alguns sintomas).

A simples melhora, apesar de trazer alívio para o paciente, aumenta o risco de novos episódios e traz prejuízo crônico para a qualidade de vida do paciente. Alertou que o maior perigo está em o paciente melhorar, se sentir aliviado do sofrimento maior, e interromper o uso da medicação. Em geral, a depressão nestes casos retorna com maior gravidade.

Em seguida, o Prof. Marco Antônio Brasil da Universidade Federal do Rio de Janeiro apresentou dados sobre a frequência de depressão em pacientes com outras doenças em sua palestra “Depressão no Hospital Geral”. Afinal, quem tem depressão pode ter outras doenças associadas como hipertensão arterial, diabetes, câncer e vice-versa. Estes pacientes têm uma chance menor de que o diagnóstico de depressão seja realizado, e mesmo quando identificado, raramente são tratados de forma correta para a depressão. Mostrou que muitas vezes, doenças incapacitantes são associadas à depressão, e o tratamento adequado da depressão pode atenuar o sofrimento e melhorar a qualidade de vida destes pacientes. A persistência da depressão aumenta o risco de complicações médicas, de prejuízo pessoal e o custo social. Em especial, aumenta o risco de suicídio nestes pacientes.

Depois, o Prof. José Carlos Appolinário, também da UFRJ, apresentou as inúmeras possibilidades de tratamento medicamentoso e psicoterápico para a depressão de difícil tratamento. Entre elas a troca do antidepressivo, a associação com outros antidepressivos ou outras drogas, como o lítio e hormônios tireoidianos. Ressaltou ainda a possível chegada ao mercado de novas substâncias antidepressivas, como a esketamina, que poderá trazer alívio rápido para quadros depressivos graves e resistentes, mas ainda está em fase de pesquisa quanto à segurança e eficácia.

Na conferência da noite, o Prof. Ricardo Moreno da Universidade de São Paulo apresentou “60 anos de antidepressivos: o que há de novo?”. O Prof. Moreno fez um histórico dos antidepressivos na prática clínica e como este grupo de medicamentos mudou a realidade do dia-a-dia de pacientes e psiquiatras. A psiquiatria nestas últimas décadas aprendeu a lidar com um futuro melhor para os pacientes com depressão, mas nem tudo são flores. Como ressaltado no início, muitos pacientes não melhoram totalmente e queixam-se de muitos efeitos colaterais. O ponto otimista da apresentação foram os novos antidepressivos que estão surgindo no horizonte - mais eficazes e com menos efeitos colaterais.

Todas as apresentações foram enriquecidas pelos comentários e perguntas dos Acadêmicos Jorge Alberto Costa e Silva e Adolpho Hoirisch. Ambos descreveram seus mais de 50 anos de experiência no tratamento

de pacientes com depressão. Contaram com conhecimento científico as mudanças na prática psiquiátrica com a chegada dos antidepressivos e as esperanças de um futuro sempre melhor para os indivíduos que sofrem desta doença grave chamada depressão.

O presidente da Academia Nacional de Medicina, Acadêmico Francisco Sampaio, lembrou que um dos maiores problemas da depressão é o seu desconhecimento. O indivíduo deprimido sofre muito e a falta de interesse pela vida e pelas coisas do cotidiano muitas vezes é confundida com preguiça, falta de garra ou mesmo de caráter. Elogiou a iniciativa dos Acadêmicos psiquiatras, Costa e Silva, Hoirsch & Nardi, de terem organizado este importante simpósio e contribuído para a o conhecimento desta doença, que já é considerada por muitos como o mal do século XXI, juntamente com a síndrome do pânico. A desmistificação e eliminação do preconceito quanto à doença e seus tratamentos, como o eletrochoque, por exemplo, em muito vai auxiliar a cura ou pelo menos minorar o sofrimento dos pacientes, afirmou Sampaio ao encerrar o simpósio, para uma plateia lotada de Acadêmicos, médicos e estudantes de medicina.

Compartilhe:

Recomendar

7

G+

4

Share

Tweet

0